

LIBERDADE, NECESSIDADE E O PAPEL DA CONSCIÊNCIA EM NIETZSCHE

(Freedom, necessity and the paper of the awareness in Nietzsche)

Alice Dias*

1. A noção de espírito livre

Em *Humano, demasiado Humano* brota pela primeira vez a expressão “espírito livre”. O que é ou quem é, afinal, o espírito livre?

“é chamado de espírito livre aquele que pensa de modo diverso do que se esperaria com base em sua procedência, seu meio, sua posição e função, ou com base nas opiniões que predominam em seu tempo. Ele é a exceção, os espíritos cativos são a regra. Não é próprio da essência do espírito livre ter opiniões mais corretas, mas sim ter se libertado da tradição, com felicidade ou com um fracasso. Normalmente, porém, ele terá ao seu lado a verdade, ou pelo menos o espírito da busca da verdade: ele exige razões; os outros a fé” (NIETZSCHE, 2005, §225).

O espírito livre não tem um ideal, pois ter ideal é estar agarrado a algo, e ele não está agarrado a nada, simplesmente é “impulsionado a ir adiante, seja aonde for, a qualquer custo” (NIETZSCHE, 2005, prólogo §3), pois sente necessidade de revirar todos os valores, não por uma simples inversão, mas porque se sente atraído pelo conhecimento, por isso rasga, dilacera, abre, despedaça. Este vive em busca de experiência, como um pássaro, oferecendo-se à aventura. Ao mesmo tempo em que é curioso, age com suave desprezo, não se prende a nada, nem aos grilhões do amor, nem aos grilhões do ódio, nem no sim, nem no não.

Em “das coisas primeiras e últimas”, Nietzsche relaciona o espírito livre com verdade e conhecimento. Ele afirma que “toda a vida humana está profundamente embebida na inverdade” (NIETZSCHE, 2005, §34) e que isso pode levar alguns ao desespero, mas outros a uma vida “mais simples e mais pura de paixões”, sem censura ou louvor, vivendo em busca de conhecer sempre mais, pairando “livre e destemido sobre os homens, costumes, leis e avaliações tradicionais das coisas” (NIETZSCHE, 2005,

§34). Nesse aforismo fica claro que verdade e conhecimento são coisas diferentes para o filósofo, ou seja, não é de verdades que temos conhecimento.

Uma das marcas dessa obra de ruptura é a valorização da ciência, pois ela “nos faz um tanto mais frios e céticos, e arrefece a torrente inflamada da fé em verdades finais e definitivas” (NIETZSCHE, 2005, §244). A fé é definitiva, a ciência é temporária e o espírito livre “odeia todos os hábitos e regras, tudo o que é duradouro e definitivo, eis por que sempre torna a romper, dolorosamente, a rede em torno de si; embora sofra, em consequência disso (...)” (NIETZSCHE, 2005, § 427). Nesta obra o fazer científico está em acordo com o fazer do espírito livre, pois este exige razões e os outros, ou seja, os cativos, a fé.

2. Espírito livre *versus* espírito cativo: o problema da moral

Em *Aurora* Nietzsche afirma que “o homem livre é não moral” (NIETZSCHE, 2004, §9) descrevendo a tragédia que os espíritos livres produzem ao abandonar as opiniões e a fé, pois enquanto “aeronautas do espírito”, esses pássaros ousados voam para muito longe, sem meta, sem buscar o porto seguro, sabendo que em algum momento não poderão mais prosseguir e terão que procurar um mastro para repousar. A fadiga parou os mais nobres mestres, mas eles sabem, e nós também, que outros pássaros voarão adiante, pois “tudo é ainda mar, mar e mar!” (NIETZSCHE, 2004, §575). Será que nosso destino, espíritos livres, será “naufragar no infinito?” (NIETZSCHE, 2004, §575).

O mais trágico é a consciência de que não há vantagem nessa caminhada ou nesse voo, pois o pensamento de vantagem e finalidade é típico da natureza vulgar. O espírito livre tem uma natureza insensata (NIETZSCHE, 2012, §3). Ter finalidade e buscar vantagem seria o contrário da renúncia necessária daqueles que querem voar mais longe, pois “(...) ele [espírito livre] joga fora muitas coisas que atrapalhariam seu voo, [mesmo as] coisas que lhe são valiosas e queridas” (NIETZSCHE, 2004, §27).

Mas conseguiremos fugir totalmente da moral? Em “até onde vai a esfera moral” (NIETZSCHE, 2012, §114), Nietzsche afirma que não há meio de vermos uma nova imagem sem ativarmos nossas próprias experiências, as experiências que tivemos. Sendo assim, “não existem vivências que não sejam morais, mesmo no âmbito da percepção sensível” (NIETZSCHE, 2012, §114, grifo meu). Esse é o limite? Chegamos, então, à finitude. O pássaro já não tem para onde voar? Não! Não porque o mundo dessa forma se torna novamente infinito para nós.

“Não podemos enxergar além de nossa esquina: é uma curiosidade desesperada querer saber que outros tipos de intelecto e de perspectiva poderia haver: por exemplo, se quaisquer outros seres podem sentir o tempo retroativamente ou, alternando, progressiva e regressivamente (com o que se teria uma outra orientação da vida e uma outra noção de causa e efeito). Mas penso que hoje, pelo menos, estamos distanciados da ridícula imodéstia de decretar, a partir de nosso ângulo, que somente dele pode-se ter perspectivas. O mundo tornou-se novamente ‘infinito’ para nós: na medida em que não podemos rejeitar a possibilidade de que ele encerre infinitas interpretações” (NIETZSCHE, 2012, §374).

A cada superação, um novo horizonte, um novo infinito. E a morte de Deus, que raia como uma nova aurora, ilumina os espíritos livres em direção a um horizonte novamente livre, “embora não esteja limpo” (NIETZSCHE, 2012, §343), para partir ao encontro de novos perigos, em busca do conhecimento. O espírito livre sente prazer em se despedir de toda crença, em “dançar até mesmo à beira de abismos” (NIETZSCHE, 2012, §347).

No segundo aforismo do capítulo “O espírito livre” do livro intitulado *Além do Bem e do Mal*, Nietzsche aconselha aos mais sérios, filósofos e amigos do conhecimento, que evitem o martírio do sofrimento pela verdade, pois equivocadamente se defende a verdade como se ela fosse uma criatura inepta e inofensiva, como se precisasse de defensores.

“(…) caros ociosos e tecedores de teia do espírito! Afinal, sabem muito bem que não pode ter importância o fato de vocês terem razão, sabem que nenhum filósofo até hoje teve razão, e que poderia haver uma veracidade mais louvável no pequeno ponto de interrogação que colocarem depois de suas palavras de ordem e doutrinas favoritas (e ocasionalmente de si mesmos) ...” (NIETZSCHE, 1992, § 25).

É próprio dos espíritos livres não se prender a nenhum tipo de razão, a nenhum tipo de perspectiva, mas sempre querer avançar, desvirar, arregaçar mais e mais. Para Nietzsche não há nada mais pobre e limitado que a concórdia, o consenso. A concórdia é valorizada pelos espíritos cativos, porque são fracos e, por serem fracos, submetem-se ao poder daqueles que exigem a fé como única razão. O espírito livre, ao contrário, tem em seu âmago o pensamento livre, a vontade de voar, de se desprender de toda e qualquer moral, de toda e qualquer fé, cada vez voando mais longe, até ser superado por outro pássaro.

Dentre muitos preconceitos morais, a crença de que a verdade tem mais valor que a aparência é mais um deles. Toda vida se dá “com base em avaliações e aparências perspectivas; e se alguém, com virtuoso entusiasmo [por exemplo, Platão] (...) quisesse abolir por inteiro o mundo aparente, bem, supondo que vocês pudessem fazê-lo – também da sua verdade não restaria nada!” (NIETZSCHE, 1992, §34).

Precisamos, então, testar a nós mesmos, diz Nietzsche, dando-nos prova de que estamos destinados “à independência e ao mando” (NIETZSCHE, 1992, §41). Não podemos estar presos a nada, a nenhuma pessoa, a nenhuma pátria, a nenhuma ciência, a nenhuma compaixão, a nenhuma virtude. Precisamos exercitar a liberalidade até torná-la um vício. Isso é independência.

Nada disso tem a ver com os falsos espíritos livres, “niveladores, (...) escravos eloquentes e folhetinescos do gosto democrático e suas ‘ideias modernas’ (...), homens sem solidão, (...) ridiculamente superficiais” (NIETZSCHE, 1992, §44). Esses que perseguem a “universal felicidade do rebanho em pasto verde, com segurança, ausência de perigo, bem estar e facilidade para todos (...)”, “igualdade de direitos” e “compaixão pelos que sofrem” (NIETZSCHE, 1992, §44), veem o sofrimento como algo negativo, aquilo que se deve aniquilar.

Mas o espírito livre é diverso disso. O espírito livre se opõe a essa moderna ideologia, a esse gosto pelo rebanho. “Livres-pensadores” são esses que por trás de uma suposta entrega ao outro escondem o desejo pelas honras, cargos e dinheiro. Afinal,

“como poderia haver um ‘bem comum’? O termo se contradiz: o que pode ser comum sempre terá pouco valor” (NIETZSCHE, 1992, §43).

No segundo capítulo de *Humano, demasiado Humano*, “contribuição à história dos sentimentos morais”, Nietzsche afirma que “a história dos sentimentos morais é a história de um erro, o erro da responsabilidade, que se baseia no erro do livre-arbítrio” (NIETZSCHE, 2005, §39), pois o homem é consequência necessária de coisas passadas e presentes. Não há possibilidade de escolha, pois o homem é consequência de coisas que não são definidas por ele.

O espírito livre, então, não é uma escolha, ele é necessário. Ele existe e pronto. A crença na “irresponsabilidade total” (NIETZSCHE, 2005, §91) acabaria com o encanto da moralidade, dos “relatos de ações nobres e generosas” (NIETZSCHE, 2005, §91). Tendo em vista a ideia de necessidade e de irresponsabilidade, para quem Nietzsche escreve suas obras? Certamente não fala ao espírito cativo, pois este, de acordo com Nietzsche, não pode deixar de ser cativo para ser livre. Ele conversa com o espírito livre, para que este não seja enganado e tenha seu ímpeto diminuído, sua potência de vida retraída.

O que diferencia livre-arbítrio de espírito livre? A ideia de livre-arbítrio pressupõe que as pessoas podem escolher entre boas e más ações, mas o espírito livre sabe que não é assim que acontece. As pessoas não escolhem agir bem ou mal, elas agem porque necessariamente buscam vida, e vida é prazer, é a luta pelo bem estar e sua manutenção. Não há como escolher: é assim. O espírito livre não sofre por algo que não havia como ser diferente, afinal, “não acusamos a natureza de imoral quando ela nos envia uma tempestade e nos molha; por que chamamos de imoral o homem nocivo?” (NIETZSCHE, 2005, §102).

O espírito livre sabe que nós também não o temos, que também somos irresponsáveis. Nietzsche não quer dizer com isso que o espírito livre não sofra. Claro que sofre. Sofre porque fica vasculhando, por exemplo, os fundamentos do livre-arbítrio, efetuando um esforço de compreensão, de entendimento que exigem solidão, “o isolamento doentio” (NIETZSCHE, 2005, Pr. §4). Enquanto o espírito cativo segue a

receita moral de seu tempo, ou seja, já sabe como deve agir, sempre com o menor esforço possível, o espírito livre não se contenta facilmente, ele é inquieto frente às verdades, ele cava o próprio abismo, pois a verdade não é necessariamente boa, não produz necessariamente vantagens.

Mas o desejo, a vontade de se olhar, essa seria inata? Existem pessoas naturalmente inquietas e curiosas, que duvidam, vasculham e isso não é dessa maneira por simples escolha ou escolha consciente: é a sua potência de vida. Outras se regozijam com a submissão, reconfortando-se no unísono das ideias, na tranquilidade e na segurança do rebanho.

O conhecimento, então, é o caminho para compreendermos a inocência, a irresponsabilidade e a necessidade nas ações. “Nos homens que são capazes dessa tristeza – poucos o serão! - será feita a primeira experiência para saber se a humanidade pode se transformar, de moral em sábia” (NIETZSCHE, 2005, §107).

3. Conciliação de liberdade e necessidade

De que liberdade fala Nietzsche? Como já mencionado anteriormente, sua interpretação de liberdade não só se afasta completamente, como nega a compreensão da tradição metafísica e cristã de liberdade como livre-arbítrio, a saber, a capacidade do sujeito em agir de acordo com sua vontade, independentemente das forças do mundo, criando a partir dessa vontade uma cadeia causal incondicionada de fenômenos (Kant, 1980; 1983).

Nessa concepção homem e natureza existem simultaneamente, mas são opostos, já que a natureza está submetida às leis causais ou necessárias e o homem não, uma vez que possui capacidade de deliberação ou liberdade de arbítrio. O homem, na interpretação da tradição metafísica e cristã, é a causa voluntária de fatos, por isso o homem se opõe à natureza da mesma maneira que se opõem liberdade e necessidade.

Na perspectiva da tradição metafísica, o arbítrio tem função normativa, pois uma vez que o homem é considerado livre para decidir como agir, este se torna também responsável por suas escolhas. Dessa maneira, sua liberdade possibilita a existência da culpa e do mérito, estando estes vinculados diretamente às normas impostas pelo moralista e/ou pelo sacerdote.

Em muitos fragmentos Nietzsche parece eliminar a possibilidade da liberdade ao utilizar termos como fatalidade, determinismo, destino e necessidade. Em “Os quatro grandes erros” de *Crepúsculo dos Ídolos* Nietzsche afirma que “cada um é necessário, é um pedaço de destino” (NIETZSCHE, 2006, Os quatro grandes erros, §8). Sendo assim, não haveria qualquer preocupação em conciliar, como tentou Kant¹, liberdade e necessidade, já que tudo seria necessidade. No entanto, não é esse o sentido que Nietzsche dá ao termo liberdade, ou seja, um sentido de liberdade que se opõe ao de necessidade.

Nietzsche afirma contra a moral metafísica e cristã: “o fato de que ninguém mais é feito responsável, de que o modo do ser não pode ser remontado a uma causa prima, de que o mundo não é uma unidade nem como *sensorium* nem como ‘espírito’, apenas isto é a grande libertação” (NIETZSCHE, 2006, Os quatro grandes erros, §8). O mundo é uma multiplicidade de forças que se reorganizam constantemente. Não há, em Nietzsche, substância nem essência, não há o incondicionado, ou seja, aquele responsável pelo primeiro movimento, não há nenhum espírito, nenhum elemento por detrás dessa multiplicidade, não há responsáveis!

A liberdade não está relacionada com normas, escolhas, méritos e castigos, mas com a aceitação da necessidade, que nada mais é que a adesão às forças da natureza (Barrenechea, 2008). É livre aquele que afirma a natureza em sua totalidade, aquele que celebra a vida desde as experiências mais prazerosas até as mais amargas.

¹ Dada a incompatibilidade lógica entre necessidade e liberdade, para garantir a existência de ambas, ou seja, da compreensão da natureza a partir da cadeia de causalidades e a liberdade através da autonomia nas decisões, Kant desloca cada um desses conceitos para níveis diferentes da existência. A necessidade fica na esfera dos fenômenos enquanto a liberdade fica na esfera metafísica do incondicionado.

A concepção nietzschiana de liberdade se afasta da compreensão moral e se aproxima de uma interpretação artística, pois o homem livre acata e celebra o jogo das forças naturais, criando novos valores ou novas avaliações. A afeição incondicional à natureza está diretamente relacionada à criação artística.

A liberdade em Nietzsche não é a capacidade de detonar uma cadeia causal de acontecimentos a partir de uma deliberação incondicionada, mas a sensação de aumento de potência proporcionada pela sintonia com os próprios instintos ou pulsões. Isso significa dizer que nos sentimos livres quando damos vazão às nossas pulsões, quando agimos em acordo com nossas necessidades.

Essa experiência de liberdade é justamente contrária à experiência de um asceta (filósofo ou religioso), pois este é aquele que nega seu corpo ou sua natureza, rejeita suas pulsões e necessidades naturais com a intenção de um suposto controle consciente de suas pulsões. Nesta concepção asceta, o corpo degenera o homem e a razão o edifica. As pulsões são vistas como instintos selvagens de menor valor na hierarquia e a razão ou o mundo das ideias seria superior às necessidades físicas impostas pela natureza. O “eu”, desde que treinado ou preparado para assumir as rédeas de si mesmo, tem a função de submeter as pulsões ou as necessidades do corpo à sua razão ou consciência (Descartes, 2002; Kant, 2006).

Na concepção de Nietzsche, em que liberdade é justamente dar vazão às nossas pulsões, quando agimos em acordo com nossas necessidades, por exemplo, beber água quando temos sede, ou comer quando temos fome etc., produzimos um sentimento de acréscimo de potência, de superação de uma opressão ou de uma necessidade. Negar tais necessidades numa intenção de negação e controle da natureza leva a um decréscimo de potência, à rejeição da vida, a uma incompatibilidade destruidora, o que é justamente o contrário da expansão, e expansão é liberdade em Nietzsche.

É interessante notar que comer e beber são resistências provocadas pela natureza em nosso corpo e, ao mesmo tempo, é natural a liberdade que temos de buscar água e comida para saciar essa necessidade, aumentando nossa potência de vida. Em Nietzsche,

o homem não tem que ser o oposto da natureza e nem liberdade tem que ser o oposto de necessidade.

Fica mais claro agora que Nietzsche não nega a liberdade, mas a compreensão moral de liberdade, pois esta deturpa a dinâmica das forças humanas. A moral da tradição metafísica e do cristianismo considera os homens livres na medida em que são dotados de uma vontade autônoma com a finalidade oculta de controlá-los através do julgamento e da condenação. A liberdade pensada desta maneira é um instrumento de tortura dessas sociedades.

A concepção de Nietzsche se afasta dessa concepção moral de liberdade, aproximando-se da concepção estética de liberdade. Sua concepção de liberdade não está ligada a cumprimento de determinados imperativos, mas no sentimento de criação que brota das pulsões.

4. O papel da consciência na libertação

Terá a consciência algum papel na criação de si? Caso tenha, quais são seus limites? Não teria ela algum papel na mediação entre as pulsões internas e a multiplicidade de forças exteriores? De alguma maneira ela não tenta estabelecer a possibilidade das relações entre todos esses ímpetos, todas essas forças? A consciência, então, não teria a sua parte na criação de si? Se a resposta for positiva, então nos perguntamos: que parte é essa? Quais são seus limites? Que relação estabelece com as pulsões?

No aforismo 560 do livro intitulado *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*, Nietzsche discorre sobre “o que somos livres para fazer”:

“O que somos livres para fazer. - Pode-se lidar com os próprios impulsos como um jardineiro, e, o que poucos sabem, cultivar os germens da ira, da compaixão, da ruminação, da vaidade, de maneira tão fecunda e proveitosa como uma bela fruta numa latada. Pode-se fazer isso com o bom ou o mau gosto de um jardineiro, e como que ao estilo francês, inglês, holandês ou chinês; pode-se também deixar a natureza agir e apenas providenciar aqui e ali um pouco de ornamentação e limpeza, pode-se, enfim, sem qualquer saber e reflexão, deixar as plantas crescerem com suas vantagens e

empecilhos naturais e lutarem entre si até o fim – pode-se mesmo ter alegria com esta selva, e querer justamente essa alegria, ainda que traga também aflição. Tudo isso temos liberdade para fazer; mas quantos sabem que temos essa liberdade? Em sua maioria, as pessoas não creem em si mesmas como em *atos inteiramente consumados*? Grandes filósofos não imprimiram sua chancela a este preconceito, com a doutrina da imutabilidade do caráter?” (NIETZSCHE, 2004, §560).

Completamente diferente da ideia de livre-arbítrio, a liberdade creditada por Nietzsche é a liberdade do tonar-se o que se é (Giacioia Junior, 2012), da força criativa que transforma a vida na própria obra de arte. Mas que liberdade é essa exatamente e quais são seus limites, já que Nietzsche nomeia esse aforismo por “o que somos livres para fazer”?

Nietzsche afirma que como um jardineiro podemos lidar com nossas pulsões. Isso significa que não podemos inventar ou escolher os elementos que constituem nosso caráter, mas podemos mudar a maneira como esses elementos se relacionam e a maneira como hierarquizamos tais elementos. É nesse sentido que somos livres para mudar nosso caráter, pois diferentemente do que muitos acreditam, não somos “atos inteiramente consumados”. Para entender o sentido do aforismo 560 de *Aurora* é necessário compreender o sentido que Nietzsche dá aos conceitos de caráter, consciência e liberdade, além da maneira como se relacionam.

Da mesma forma que o jardineiro pode criar seu jardim (mas não os elementos que compõem esse jardim), nós podemos nos criar ou nos organizar. Enquanto o jardim é composto de tulipas, rosas, cactos, grama etc., nós somos compostos por ira, compaixão, curiosidade, vaidade etc. Não podemos escolher não ter a pulsão ira, mas podemos reservar um determinado lugar para ela em nosso caráter: um lugar importante ou um periférico. Devo podá-la ou deixá-la crescer livremente? Devo nutri-la com os melhores adubos ou deixá-la plantada na pior terra do jardim? Podemos “dar estilo” (NIETZSCHE, 2012, §290) ou personalidade ao nosso caráter como um jardineiro dá estilo ao seu jardim.

Qual é, então, o papel do caráter e da consciência na liberdade da criação de si? Nosso caráter é uma dada organização de pulsões. Essas pulsões são, por sua vez,

orgânicas, portanto naturais. Da mesma maneira que os elementos que compõem o jardim são orgânicos, os elementos que compõem nosso caráter também são orgânicos. Assim, concluímos, nesse primeiro passo, que as pulsões são orgânicas e são elementos obrigatórios em nosso organismo, formando nosso caráter.

Cada pulsão é uma força, é uma “vontade de potência”, que como partes do corpo são vivas e, para Nietzsche, tudo que é vida avalia, pois viver é avaliar:

“Chamamos ‘vida’ uma multiplicidade de forças ligadas por um processo [vorgang] de alimentação comum. A esse processo [vorgang] de alimentação, como meio de sua possibilitação, pertence todo o assim chamado sentir, representar, pensar, isto é, 1. Um repelir todas as outras forças; 2. Uma disposição das mesmas segundo formas e ritmos; 3. Um avaliar em relação à incorporação ou à excreção” (NIETZSCHE, 2008, §641).

Sendo cada pulsão uma vontade de potência, entendemos que o corpo é constituído de uma multiplicidade de vontades de potência e que, por isso, as relações entre as pulsões não se dão sem conflito, luta, dominação e obediência. Justamente por isso nosso caráter é uma hierarquia de pulsões ou de valores.

Dentro desse contexto é importante mencionar que Nietzsche não trata cada pulsão como entidades fixas e definitivas. Cada pulsão é uma relação, é um processo. O organismo é a coordenação e hierarquização das pulsões, não tendo essas pulsões nenhuma característica de imutabilidade.

Da mesma maneira que o organismo humano, todas as outras coisas do mundo podem ser pensadas como conjuntos de processos, portanto dinâmicos, sendo sua unidade nada mais que uma dada organização.

A defesa de que toda realidade é um devir aponta para a radical rejeição da ideia de substância ou de essência. Nesse sentido, o homem não tem essência, não tem finalidade, não tem motivo de ser. Ele é um constante vir a ser. E é nesse vir a ser que a ideia de liberdade de Nietzsche se instala, é nesse espaço que ela frutifica.

Por isso Nietzsche afirma no aforismo 13 da primeira dissertação de *Genealogia da moral* que não existe “ser por trás do fazer, do atuar, do devir; o agente é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo” (NIETZSCHE, 2009, I, §13).

Mas até que ponto somos livres para coordenar as muitas pulsões que compõem nosso corpo se não há agente? Que noção de liberdade está em jogo na ideia de que “a ação é tudo”? Quem é livre para criar a si próprio ou para criar ou organizar seu próprio jardim?

Ao rejeitar a ideia de livre-arbítrio Nietzsche defende a não existência do eu como agente de nossas ações, como sujeito neutro e independente. Ele nega o “eu” cartesiano (Descartes, 2005), ou seja, aquele que resta como certeza absoluta em detrimento de todo o resto que pode ser posto em dúvida ou posto como ilusão.

Nietzsche rejeita o livre-arbítrio, mas também o cativo arbítrio:

“Supondo que alguém perceba a rústica singeleza desse famoso ‘livre arbítrio’ e o risco de sua mente, eu lhe peço que leve sua ‘ilustração’ um pouco à frente e risque da cabeça também o contrário desse conceito-monstro: isto é, o ‘cativo arbítrio’ (...). O ‘cativo arbítrio’ não passa de mitologia: na vida real há apenas vontades fortes e fracas” (NIETZSCHE, 1992, §13).

Podemos entender com isso que existe algum tipo de compatibilidade entre necessidade e liberdade. É claro que tal conciliação realizada por Nietzsche é bastante diferente da realizada por Kant na *Crítica da Razão Pura*, pois para garantir logicamente a existência tanto da necessidade quanto da liberdade, Kant inventa duas esferas diferentes de atuação dessas diferentes lógicas: uma esfera fenomênica e outra metafísica, ligando a primeira à natureza ou ao movimento de causa e efeito (necessidade) e, a segunda, à liberdade humana (Kant, 1983).

Como Nietzsche nega a metafísica ou a coisa em si, só lhe resta a natureza. No entanto, a natureza também não é esse mundo fenomênico regido por leis de causa e efeito como apresenta Kant. Causa e efeito não passa de conceitos, “ficções convencionais para fins de designação” (NIETZSCHE, 1992, §21).

A compatibilidade proposta por Nietzsche nega o “eu” no sentido de uma consciência superior que é capaz de avaliar através da razão as pulsões que seriam, de acordo com a tradição filosófica, inferiores. O “eu” não está separado da multiplicidade de pulsões e a razão é apenas mais uma dessas pulsões. O “eu” nada mais é que um

conceito que busca dar unidade consciente a uma multiplicidade de pulsões. Enquanto os elementos constituintes do jardim e do caráter são necessários – o que não tem nada a ver com causa e efeito, mas com aquilo que a natureza nos impõe como parte constituinte de nós mesmos –, a maneira como organizar, hierarquizar ou orquestrar esses elementos é livre.

É possível para Nietzsche rejeitar a ideia de livre-arbítrio e manter a ideia de liberdade, ou melhor, construir outro conceito de liberdade, justamente porque é livre o organismo que cria seu próprio estilo. Isso explica a noção "criar-se a si próprio", que significa criar-se a partir dos próprios elementos, dando a si um estilo próprio, livremente cultivado.

O fato de estarmos submetidos naturalmente a determinadas condições não nos impede de, a partir desses elementos necessários, criar os próprios valores, os próprios pontos de vista. Isso é bem diferente de se submeter a valores impostos por outros.

Mas como realizar a tarefa de vir a ser o que se é ou de nos criarmos a nós mesmos? O fato de a consciência ter um papel limitado e indireto não significa que não seja decisiva na definição do estilo do caráter que se quer construir (Constâncio, 2011). Ela ouve as "vontades fortes e as vontades fracas" (NIETZSCHE, 1992, §13) que nos compõem e direciona as forças interiores.

A influência da consciência é indireta porque os estados conscientes não podem ser causa direta de nossas ações. Apenas com a transformação do consciente em instinto o automatismo pulsional passa a ser possível. Veja como todo iniciante do balé ou da capoeira parecem desajeitados e desconectados dos movimentos. No entanto, os veteranos, aqueles que já interiorizaram os movimentos que em princípio eram apenas conscientes, movimentam-se como se tivessem nascido com tal destreza, como se lhes fosse natural. Trata-se da naturalização de algo que em princípio era externo e consciente, tornando-o inconsciente e pulsional. Podemos reconhecer uma bailarina ao andar na rua, sem qualquer caracterização estereotípica em termos de adornos ou vestimenta, simplesmente porque ao naturalizar os movimentos e a postura do balé eles

passam a fazer parte dela. Isso se dá à custa, no sentido do esforço e do prazer, de muitos exercícios conscientes que vão sendo aos poucos interiorizados.

A construção do filósofo não se dá da mesma maneira? A partir da união de um forte ímpeto com a formatação de uma determinada maneira de pensar ou agir externa e consciente? Não é a consciência que direciona ou organiza ou impulsos? O “conhece-te a ti mesmo” (gnôthi seautón) e o “cuidado de si” (epiméleia heautoû) não estavam intimamente ligados a exercícios de concentração e aprendizagem? (Foucault, 2010). O balé educa o corpo como a filosofia também o educa. Tornar-se o que se é nada mais é que respeitar o ímpeto natural, seu destino, porém guiando conscientemente, organizando a multiplicidade de pulsões que tendem a desviar as forças para lados opostos. A consciência tem a função de canalizar as forças para a direção da vontade forte, distraindo, deixando em lugar periférico as vontades fracas.

Por isso Nietzsche não gosta de leitores que leem por passatempo (NIETZSCHE, 2011, Do ler e escrever), pois sabe da força que é necessária para transformar exercício em ímpeto, consciência em natureza ou pulsão. Esse é justamente o movimento de vir a ser o que se é: ímpeto, que já está em nós, e consciência, que nos guia para um determinado lugar, que guia uma determinada organização pulsional de acordo com uma hierarquia conscientemente definida. Trata-se de uma dinâmica permanente, de interação contínua entre consciência e pulsões. A incorporação de conteúdos conscientes é forçosa e lenta, exige exercício, disciplina. Não é tarefa para preguiçosos.

Pensar que a consciência não tem nenhum papel no processo é tão equivocado quanto pensar que o processo é exclusivamente racional ou puramente produzido pela consciência. Nesta luta o intelecto não se impõe às pulsões, mas toma partido de uma ou outra, ou seja, entra no jogo. Nossa consciência, quando muito, dirige, mas não impulsiona nem controla nossas ações. A consciência é um instrumento que direciona a vontade pulsional organizando e priorizando as forças que necessariamente existem, permitindo que nos tornemos o que somos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARRENECHEA, Miguel Angel de. Nietzsche e a liberdade. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.
- CONSTÂNCIO, João. On consciousness: Nietzsche's Departure from Schopenhauer. Nietzsche-Studien 40, 2011, pp. 1-42.
- DESCARTES, René. Meditações metafísicas. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. Princípios da Filosofia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- GIACCOIA JUNIOR, Oswaldo. Nietzsche x Kant: uma disputa permanente a respeito de liberdade, autonomia e dever. Rio de Janeiro: Casa da Palavra; São Paulo: Casa do Saber, 2012.
- KANT, Immanuel. Textos selecionados. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- _____. Crítica da Razão Pura. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- _____. Sobre a Pedagogia. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2006.
- NIETZSCHE, Friedrich. [1878] Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. [1881] Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. [1882] A gaia ciência. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. [1885] Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. [1886] Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. [1887] Genealogia da moral: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. [1888] Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. [1888] A vontade de poder. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

RESUMO: Esse artigo é resultado da investigação dos sentidos dados por Nietzsche aos conceitos de liberdade e necessidade e da relação desses conceitos com o papel da consciência enquanto causa de nossas ações. Para tal a obra do filósofo foi rastreada desde os primeiros sinais de gestação desses conceitos até seu desenvolvimento pleno. Concluímos que o papel da consciência na libertação existe mas é indireto, pois os estados conscientes não podem ser causa direta de nossas ações. A consciência é um instrumento que direciona ou canaliza a vontade pulsional. A liberdade se dá justamente na dinâmica entre o pulsional e o racional.

PALAVRAS-CHAVE: liberdade, espírito livre, necessidade, moral, consciência.

ABSTRACT: This article is resulted of the inquiry of the directions given for Nietzsche to the concepts of freedom and necessity and of the relation of these concepts with the paper of the conscience while cause of our actions. For such the workmanship of the philosopher was tracked since the first signals of gestation of these concepts until its full development. We conclude that the paper of the conscience in the release exists but is indirect, therefore the conscientious states cannot be direct cause of our actions. The conscience is an instrument that directs or canalizes the pulsional will. The freedom if of exactly in the dynamics between the pulsional and the rational.

KEYWORDS: freedom, free spirit, necessity, moral, conscience.

* Professora da Universidade Federal do Oeste do Pará. Avenida Marechal Rondon, s/n. Bairro Caranazal, CEP 68040-070. Santarém, Pará - Brasil. Telefone (93): 2101 3629.
E-mail: dias.alice@hotmail.com